



Title	Através do olhar do 'outro' : Uma breve comparação entre os discursos diplomáticos britânico e lusitano sobre o Japão no período final da era Meiji (1890-1912)
Author(s)	Dezem, Rogério Akiti
Citation	言語文化研究. 2014, 40, p. 193-211
Version Type	VoR
URL	https://doi.org/10.18910/27620
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

<https://ir.library.osaka-u.ac.jp/>

The University of Osaka

Através do olhar do ‘outro’: Uma breve comparação entre os discursos diplomáticos britânico e lusitano sobre o Japão no período final da era Meiji (1890-1912)

Rogério Akiti DEZEM

要旨：本稿の目的は、19-20 世紀の世紀転換期における日本に関するイギリス人とポルトガル人のディスコース（言説）を簡潔に比較検討することにある。当時、イギリスとポルトガルは、歴史上、正反対の時期にあり、そのため、外交官にせよ、文学者にせよ、日本に関する両者のディスコースには相異が生じた。本稿では、筆者は、イギリス人の外交官アーネスト・メイソン・サトウ (1843-1929)、日本学者バジル・ホール・チェンバレン (1850-1935)、およびポルトガルの外交官・作家ヴェンセスラウ・デ・モラエス (1854-1929) の目を通して見た日本の近代化に焦点を当て、考察を加えた。

Abstract: The purpose of this article is to present a brief comparison of the British and Portuguese discourses about Japan in the 19th-20th transition. During this period which England and Portugal were experiencing opposite historical moments which produced different diplomatic views about Japan. We will be focusing on the analyses of the Japanese modernization from the view of British scholars and diplomats such as Ernest Mason Satow (1843-1929) and Basil Hall Chamberlain (1850-1935) and from the Portuguese perspective guided by the writer and diplomat Venceslau de Moraes (1854-1929).

Keywords: Japanology, Diplomacy, Russo-Japanese War, Meiji era, Venceslau de Moraes.

Introdução

Sabe-se que a necessidade de conhecer o ‘outro’ surgiu com a curiosidade humana por culturas e terras distantes, em paralelo com a expansão comercial e política. A partir da descoberta de novas terras, o homem branco ocidental passou a formar uma nova consciência sobre seu valor no sistema hierárquico e seu lugar no mundo.¹⁾

Os escritores viajantes ou *exotas*²⁾ muniram-se de mapas e ilustrações para contar sobre suas experiências em terras distantes, em contatos com povos desconhecidos. As narrativas de viagem encantaram, chocaram, seduziram e, principalmente, foram fundamentais na construção

1) PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império. (Relatos de viagem e transculturação)*. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. São Paulo/Bauru: EDUSC, 1999. p. 35.

2) O médico naval, etnógrafo e escritor francês Victor Segalen (1878-1919) cunhou esse termo para definir os indivíduos ávidos pela experiência do diverso: *exotas*, viajantes natos. In: SEGALIN, Victor. *Essai sur l' exotisme, une esthétique du divers (notes)*. Montpellier; Editions Fata Morgana, 1978. p. 25.

da imagem dos povos visitados. Além do espírito de aventura, esses viajantes costumavam carregar também um olhar de superioridade. Para Edward Said³⁾, os discursos europeus foram marcados de tentativas de dominação de povos e de terras longínquas. Tanto E. Said como M. Pratt defendem a tese de que as obras desses viajantes romancistas foram os agentes responsáveis pela representação do ‘outro’ e pela formação de uma postura imperialista no Ocidente.

As chamadas missões “civilizatórias” serviram de pretexto para os ocidentais tentarem desmantelar as estruturas políticas e culturais dos locais *exóticos* visitados. A ideia de levar a civilização a povos considerados *bárbaros* ou primitivos marca bem a postura imperialista e etnocêntrica do homem branco através dos tempos; e as narrativas de viagem contribuíram fortemente nesse sentido à medida que construíram estereótipos, preconceitos étnicos e autoimagens de mundos não-europeus. Foi preciso desvalorizar o que havia lá fora para se sentirem superiores. Esses viajantes ressaltaram a natureza e a simplicidade da população, por eles denominada de *selvagem*, com a intenção de acentuarem a ideia de “primitividade” desses povos em oposição à imagem deles de “civilização” e progresso.

O Extremo Oriente não foge à regra nos quesitos: lugar exótico, cultura *selvagem* e terra distante. Ainda hoje, muito desses estereótipos permanecem acerca do “Oriente misterioso”. No entanto, o Japão já possuía um sistema político e cultural (de raízes budistas e confucionistas) bem definido e solidificado na segunda metade do século XIX, o que levou os europeus a se enganarem e a criarem, no imaginário popular, falsas expectativas. Eles não contavam com a resistência nipônica ao mesmo tempo forte e dissimulada à entrada do homem branco e, pior, não contavam com a hipótese de que um dia o Japão tornar-se-ia tão imperialista e competitivo quanto eles.

O Japão, que passou mais de dois séculos isolado, retornou aos palcos internacionais no século XIX, após a reabertura de seus portos ao Ocidente, que ocorreu, gradualmente, ao longo das décadas de 1850 e 1860. Estudos sobre o Japão nos campos antropológico, etnográfico, histórico, topográfico, linguístico, botânico, entre outros, foram realizados não só por cientistas, naturalistas e acadêmicos em geral, mas também por viajantes, oficiais, jornalistas e diplomatas. Todos eles foram agentes ativos na construção da imagem dos orientais frente ao público ocidental e parte integrante dos chamados escritores viajantes.

Ao lermos os relatos de viagem e artigos científicos e políticos dos europeus, através dos tempos, notamos que a representatividade nipônica está intrinsecamente ligada às

3) SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

conveniências dos países ocidentais. As descrições do caráter japonês, por exemplo, são totalmente díspares de um período para o outro, chegando a serem opostas, como afirmamos acima. De povo *inofensivo, receptivo e sorridente* passava a *selvagem, bárbaro e violento*, e algum tempo depois, voltava a ser *ingênuo, bom e gentil*. Todos esses adjetivos eram produto das circunstâncias vivenciadas por japoneses na época, uma resposta às tentativas de avanço imperialista por parte dos ocidentais (i.e. Estados Unidos, Rússia, Inglaterra, França, Alemanha).

A proposta, neste artigo, é de brevemente apresentar e comparar alguns aspectos da matriz discursiva britânica e lusitana, produzidas sobre o Japão na transição dos séculos XIX e XX, ou seja, no contexto das duas últimas décadas da era Meiji (1868-1912). Formas diferentes de se enxergar o Japão, produzidas por representantes de duas nações (Grã-Bretanha e Portugal) que viviam situações políticas e econômicas totalmente opostas no período. Como representantes da esfera diplomática e da nascente Japonologia britânica nos utilizaremos de algumas obras dos autores britânicos Ernest Mason Satow (1843-1929) e Basil Hall Chamberlain (1850-1935). Na esfera diplomática e literária lusitana um autor será nosso guia, o português Venceslau de Moraes (1854-1929).

A razão pela qual selecionamos esses autores se encontra em três motivos principais: são todos contemporâneos, ou seja, “homens da *Belle Époque*” ; dois fizeram parte das suas respectivas representações diplomáticas no Japão (Satow e Moraes), apenas Chamberlain não era diplomata de carreira, mas teve por um longo tempo uma estreita ligação com o corpo consular britânico; os três possuem obras de referência (memórias, artigos, crônicas, cartas) sobre o Japão de extrema importância relativas ao período aqui perscrutado.

Importante ressaltar que na fase de redescobrimento do Japão aos olhos do mundo ocidental, os representantes históricos pioneiros dessa (re)abertura a partir de 1853/54, foram os britânicos e os franceses que produziram os discursos mais influentes acerca do arquipélago nipônico entre a metade do século XIX e o início do século XX. Durante essa “redescoberta” , os portugueses serão coadjuvantes ao menos nos aspectos diplomáticos, políticos e econômicos. Tornando-se a vertente literária a principal ligação (tênue) entre lusitanos e japoneses.

1. O discurso lusitano sobre o Japão: Venceslau de Moraes

Cabe aqui retrocedermos na história japonesa para notar que o Japão da era Meiji diferia muito do relato do viajante veneziano Marco Polo (1254-1324) no século XIII, considerado a

“primeira citação” sobre o Japão (*Cipango*)⁴⁾. Séculos mais tarde, os portugueses e espanhóis, baseados no ideal da “cruz e das armas” , e logo depois os holandeses, travaram pela primeira vez relações mais sólidas com os japoneses entre 1543 a 1637. Esse primeiro contato deu ensejo a formação e/ou mistificação de um imaginário sobre o país e seus habitantes, graças aos relatos, principalmente dos viajantes e dos jesuítas portugueses.

Na transição do século XV para o XVI, o imaginário europeu ainda estava impregnado pelo discurso medieval, no qual o ‘maravilhoso’ , ‘fabuloso’ e ‘desconhecido’ se faziam presentes na maioria das obras e relatos divulgados sobre o inexplorado Oriente (Ásia) e Ocidente (América). Desse modo, a imaginação e as utopias preponderavam sobre a observação (THEODORO 1994: 88). Essa incapacidade, até certo ponto, de enxergar o *real*, foi reforçada pela mentalidade de origem renascentista, na qual o ‘outro’ era antes idealizado nos moldes ocidentais para depois ser subjugado. Imaginar o ‘outro’ era mais fascinante do que observá-lo.

Segundo o historiador Guillermo Giucci, autor de *Viajantes do maravilhoso: o novo mundo*, a questão da alteridade durante o século XVI e os efeitos da expansão marítima desencadearam um processo de desmistificação do discurso sobre o maravilhoso. Ao mesmo tempo ocorria o ápice da ideia de que o que era visto (*realidade*) era menos importante do que ter ouvido falar (*fantasia*). Ocorria paulatinamente a imposição do contato e a experiência sobre a imaginação. Segundo Giucci, na transição do século XV para o XVI:

A apresentação do “além” sustenta-se na concepção de um mundo homogêneo, e é essa homogeneidade que permite de modo simultâneo a imposição de hierarquias simbólicas e a desmistificação da noção de uma alteridade radical. Estamos diante de uma versão condensada e incipiente da representação do exótico: os habitantes e a natureza das regiões distantes do centro modelar apresentam peculiaridades dignas de despertar a curiosidade do civilizado.(GIUCCI 1992:68)

Ao despertar a curiosidade do civilizado e não mais o temor, criou-se um efeito positivo sobre as mentes de homens ávidos para desvendar o “desconhecido” , o “imaginado” . Em um primeiro instante, a questão do domínio sobre o ‘outro’ parecia estar relegada a segundo plano e, no entanto, em menos de um século o discurso baseado no maravilhoso começou a tomar novas feições:

4) “O Japonismo é português nas origens porque foram os portugueses que primeiro conheceram o Japão e que o revelaram à Europa. De outiva falara dele Marco Polo, o celebrado viajante veneziano, que nos anos de 1270 a 1296 percorrera partes da Índia. Aprisionado na batalha de Cursola, após o seu regresso à Europa, ditou o relato de suas viagens a Rusticiano de Pisa, seu companheiro de cárcere, que foi escrevendo em francês. Desta língua foi passado à toscana e desta outra ao latim. O seu último tradutor sabe-se que foi Frei Francisco Pipino, bolonhês e dominicano, o qual se deu a esse trabalho talvez em data próxima de 1320, ainda em vida de Marco Polo.” FIDELINO, Figueiredo. “O homem que trocou a sua alma” . In: MORAES, Wenceslau de. *Daí Nippon*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1993, p. 19.

Interpretada retrospectivamente como arma do expansionismo europeu, a informação exposta pelo viajante supera, instantaneamente, a dimensão da curiosidade científica. Pois se o conhecimento é poder, como se reconheceria expressamente por volta do final do século XVI, a informação relativa aos costumes humanos de grupos estranhos e às qualidades das terras distantes contribui para situar numa posição privilegiada quem conhece o 'outro' sem ser, ele mesmo, conhecido. (IDEM:69)

As experiências adquiridas “além-mar” transformam-se de simples contemplação e desmistificação de certos aspectos em uma espécie de *conhecimento* que tinha em sua razão de ser o domínio sobre o ‘outro’ .

Os portugueses foram os “descobridores” do Japão, apesar de não se precisar ao certo se o ano de sua chegada àquele país foi 1542 ou 1543. Com relação aos relatos de viagens ao Japão, o pioneirismo coube ao mercador português José Álvares, que em 1544 lá aportou. As impressões de Álvares encontradas em seu relato escrito em dezembro de 1547 foram positivas, enfatizando o culto da honra pelos samurais, a beleza das mulheres japonesas, a etiqueta e a cortesia do povo japonês, e definindo os japoneses como um *povo belicoso cultuador da honra*. (DIAS 1986: 41-43) Esse é considerado o primeiro relato de um ocidental sobre a terra e o povo japonês. Em companhia de Álvares, outro português, Fernão Mendes Pinto – percursor da literatura de viagem -, baseado em exotismos, descreveu suas quatro viagens ao Extremo Oriente realizadas entre 1542(?) e 1556 na importante obra *Peregrinação*. Suas primeiras impressões sobre o Japão e sua cultura enfatizavam a cortesia, o culto à honra e o espírito militar dos senhores feudais japoneses (*daymios*):

E por aqui se saberá que gente esta é, e qual inclinada, por natureza, ao exercício militar, no qual se deleita mais que todas as outras nações que agora se sabem. (FIGUEIREDO s/d: 22)

Às versões do século XVI, somou-se a narrativa do jesuíta basco, Francisco Xavier (1506-1552), que teve importante papel na introdução do cristianismo no Japão. Como observador dos habitantes da cidade de Kagoshima no ano de 1549, Xavier descreveu os japoneses como um povo pobre, porém orgulhoso e cortês, com grande inteligência e cultura.

Por seu turno, as primeiras impressões nipônicas sobre os ocidentais, podem ser encontradas na *Crônica do Mosquete (Teppô ki)* escrita em 1606 pelo japonês Nampo Bunshi (1555-1620), sacerdote zen-budista da província de Satsuma. Redigida em *kankun* (chinês clássico) a pedido

de Tanegashima Hisatoki, senhor de Tanegashima, a obra relata a chegada dos portugueses na ilha, descrevendo também a história da introdução e da fabricação da espingarda no arquipélago japonês. Sob o regime escópico de Nampo Bunshi, os lusos, denominados de *bárbaros do sul* (*Nanban jin*), apesar de compreenderem vagamente as relações de senhor e vassalo *deixavam muito a desejar em seu comportamento*, avaliado pelo autor como “exagerado” e “bruto” . A seu ver, os portugueses eram demasiadamente *emocionais* e desconheciam *a sabedoria do autocontrole*. Apesar disso, o autor japonês finaliza seu relato, definindo os portugueses como *um povo inofensivo e insuspeito*. (DIAS 1986:43)

Nas obras escritas pelos “soldados da igreja” e pelos navegantes seiscentistas e setecentistas, o Japão sempre foi visto como o ‘outro’ , diferente, longínquo e exótico, para não dizer enigmático. Sob essa ótica, diferentes intérpretes assumiram a tarefa de se posicionarem como decifradores do ‘outro’ japonês. (ORTIZ 2000:21). Desse modo podemos afirmar que não só o Japão mas o Oriente e o Extremo Oriente são construções no imaginário Ocidental com o intuito de compreender para depois conquistar e dominar. (SAID 2001:13-41).

Outro importante fator que influenciou a construção de uma imagem do Japão e dos japoneses pelos ocidentais se deu com a criação da primeira embaixada portuguesa em solo nipônico em 1582, quando os portugueses abriram o Japão para o mundo *de fora para dentro*. Ocorrendo também o ato inverso, pois revelou para os japoneses dialeticamente o mundo *de dentro para fora*. (SILVA 1986: 25) Oficialmente essa embaixada despertou a consciência europeia para a realidade nipônica, factualizando a ideia de Japão até então utópica e irreal no imaginário ocidental. (IDEM:39) Podemos dessa maneira afirmar que um modelo de *Japonismo* foi criado pelos portugueses no século XVI, como reafirmou Fidelino Figueiredo, crítico português e fundador dos estudos de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo entre 1938-1951:

Nós, os portugueses que achamos o Japão no século XVI e por lá deixamos mártires às levas, tínhamos feito o descobrimento com trezentos anos de antecedência do “momento” , no sentido em que Taine usava o termo. O redescobrimento é que vingou. (FIGUEIREDO s/d:16)

“Redescobrimento” que ocorreu em meados do século XIX, quando o neocolonialismo e o imperialismo bateram à porta do Japão, fazendo com que após mais de duzentos anos (1639-1854) de reclusão voluntária (*sakoku*) em relação ao Ocidente o pequeno arquipélago –

pressionado pelo Comodoro Mathew C. Perry, representante dos Estados Unidos – abrisse seus portos para o comércio norte-americano, firmando, em 1854, o Tratado de Kanagawa.

Foi através da obra do militar, diplomata e escritor Venceslau José de Souza Morais (1854-1929) que Portugal “redescobriu” o arquipélago nipônico. Fascinante figura humana, viveu os últimos 31 anos de sua vida no Japão, tornando-se referência importante para se compreender o país. A obra de Morais, seja a que se insere no âmbito da literatura *exotista*⁵⁾ (*Dai Nippon*, 1895 entre outras) ou na forma de crônicas associadas a *realpolitik* japonesa (*Cartas do Japão*, 1902-1913), contribuiu para colocar o autor português entre os grandes decifradores do Japão das últimas décadas da era Meiji. Considerado por muitos acadêmicos japoneses como o escritor ocidental que melhor compreendeu a alma nipônica. Apesar de sofrer influência de autores como o oficial da marinha francesa Pierre Loti (1850-1923), autor da *Madame Chrysanthème* (1887) e do jornalista e escritor Lafcadio Hearn (1850-1904), autor pelo qual Morais nutriu grande admiração até o fim de sua vida, o diplomata/escritor português soube se desvencilhar ao longo de sua obra do ranço literário amalgamado no sentimento de “superioridade europeia” e da visão finissecular de um Japão como “refúgio da modernidade decadente europeia”, talvez esteja aí a sua originalidade perante aos seus contemporâneos citados anteriormente. No caso específico das impressões sobre a obra de Loti, Morais que foi influenciado por ele inicialmente, ao longo de sua estadia no Japão cultivou um senso mais crítico em relação à obra do francês:

Loti não gosta do Japão: acha sua paisagem mesquinha, o seu povo grotesco, a sua arte pueril, os seus deuses horrendos. Todavia, devemos ao eminente impressionista algumas páginas raras, embebidas de verdadeiro sentimento e simpatia, sobre o Japão.(MORAES 1923:114)

Nosso intuito aqui é apresentar de forma sucinta alguns aspectos do olhar de Morais, a partir de seus escritos na forma de folhetins, publicados no jornal *Comércio do Porto* entre os anos de 1902 e 1913, versando sobre questões políticas, econômicas e sociais, muitas delas abalizadas a partir do olhar do diplomata, único representante do governo português

5) “Esboçando uma tipologia de comportamentos e de gêneros literários “exotistas”, Wolfgang Reif aponta duas tendências básicas: a “primitivista” e a “libertinista”. A primeira tem os seus principais representantes em Bernardin de Saint-Pierre e Chateaubriand, ambos discípulos de Rousseau. Quanto à segunda, aponta para os “espaços que oferecem condições para a satisfação ilimitada de todas as necessidades físicas e psíquicas”. Podem distinguir-se duas variantes deste tipo: a “imoralista” e a “espiritualista”. A primeira cultiva um “sensualismo” orgiástico que, na alternativa espiritualista, se transforma em contemplação platonizante da beleza. *Dai Nippon* e o prelúdio “Fora da Pátria” são exemplos “exotistas” de orientação libertina espiritualista” in: Helmut Feldmann, Venceslau de Morais e o Japão. Coleção Japônica 1. Macau, Instituto Cultural de Macau, 1992. p.63.

no Japão⁶⁾. O conjunto desses folhetins foi publicado em Portugal, com o título de *Cartas do Japão*, primeiramente entre 1904 e 1907 em três volumes (abarcando o período de 1902-1906) e um ano antes da morte do autor (1929), outros três volumes (abarcando o período de 1907-1913) foram publicados.

Segundo Morais o objetivo inicial de *Cartas* era “chamar a atenção dos negociantes portugueses para este país, no intuito de desenvolver o comércio direto entre Portugal e o Japão” . (MORAES 1928 vol. III: XIII). Como também:

Tratar por todos os modos de aguçar a curiosidade dos portugueses pelo que se passa pelo mundo afora, afigura-se-me obra meritória, tendente a inspirar-lhes mais arrojados intentos e a chamá-los à noção dos seus deveres de atividade mundial. Um dos meios mais eficazes para atingir tal fim é, sem dúvida, a obra literária, livro ou jornal, ainda mesmo quando o publicista, por escassez de assunto ou de espaço, ou por inabilidade própria, se limita a rastejar no campo das frivolidades ou das notícias pouco a propósito. Tudo incita ao amor das viagens, das empresas fora da rotina, da expansão de ideias e de energias; e é isto mesmo que se pretende. (MORAES 1928 vol. I:118)

Além da tentativa de estreitar os laços comerciais com o governo japonês e apresentar o “seu” Japão aos portugueses, o diplomata luso analisava a situação geopolítica vivida por portugueses e japoneses como similares. Desde meados do século XIX, Portugal vinha perdendo sua autonomia, fruto de questões políticas e econômicas internas e da ingerência cada vez maior do governo inglês na soberania portuguesa. No ocaso do século XIX, Morais enxergava o seu pequeno país como uma colônia inglesa, constatando diariamente que a cada dia a “portuguesa” Macau declinava em influência na Ásia perante a “inglesa” Hong Kong. Sob o regime escópico de Morais, Portugal e Japão tinham algo que os aproximava: ambos eram vítimas em potencial do imperialismo.(FELDMANN 1992:13) Ao afirmar isso, o diplomata luso acaba por fazer “vistas grossas” para o fato histórico de Portugal ter sido um dos principais colonizadores na Ásia nos séculos XVI e XVII.

Foi a partir do conflito entre russos e japoneses (1904-05) que Morais passou a desenvolver uma narrativa centrada em uma “outra visão” (IDEM) sobre o Japão e o povo nipônico,

6) “No ano de 1898, ainda não existia um acordo comercial entre Portugal e Japão, sendo, neste país, os interesses portugueses representados pelo consulado francês em Kobe. A 12 de maio de 1899, Morais é nomeado vice-cônsul, e a 29 de Setembro do mesmo ano, o Imperador acredita-o como primeiro cônsul de Portugal em Kobe e Osaka” (Idem, p.36-37)

atenuando sua verve “exotista.” Nas páginas do *Comércio do Porto*, segundo Morais o “órgão japonizador” de Portugal na época, a burguesia ilustrada lusa acompanhou com avidez os acontecimentos do conflito narrado por aquele que era visto como “o único português capaz de explicar com competência, não só a evolução do conflito, mas também o seu contexto sociológico e histórico-cultural.” (IDEM:83)

Morais foi um dos pouquíssimos europeus residentes no Japão que publicamente, antes do início do conflito, previu a possibilidade real de uma vitória nipônica sobre os russos. No decorrer da guerra ao exaltar as vitórias japonesas, segundo ele “uma luta pela independência nacional” , o autor apresenta o “Japão como um modelo para Portugal” ⁷⁾.

Sua análise sobre o Japão e os japoneses consegue atravessar o pantanoso terreno dos discursos em voga na época que associavam a ascensão nipônica ao “perigo amarelo” , apresentando de forma simpática o Japão como:

(...)o libertador de todos os povos oprimidos e mesmo como o salvador de uma Europa decadente. (FELDMANN 1992: 14)

Esse talvez seja o calcanhar de Aquiles do discurso moraisiano sobre o Japão. Mitificar o Japão como o “salvador” da História Universal e condenar o imperialismo europeu foram, e até hoje são, “atitudes estranhas à mentalidade do leitor europeu” (IDEM). Afirmção essa que produziu ásperas críticas por parte de alguns estudiosos europeus da obra de Morais, classificando-o como um *admirador acrítico do Japão*.

No entanto, ao analisar o processo de ‘ocidentalização’ do Japão, Morais o considera como a chave para se compreender o segredo da manutenção da soberania japonesa perante ao ‘outro’ europeu e norte-americano:

Neste país não há um Edison, é facto: mas a luz elétrica está divulgada em toda parte, em cidades e aldeias, bem como o telégrafo, o telefone e todas as aplicações recentes da eletricidade (...). (MORAES 1928 vol. II: 160)

7) No contexto da guerra e logo após a retumbante (mas desgastante) vitória nipônica sobre a Rússia, o Japão passou a ser visto, ao menos nos dez anos seguintes, como um modelo de nação jovem e moderna que sobreviveu (e “venceu”) ao imperialismo europeu para países do Sudeste Asiático (Indochina), para intelectuais na China, Índia, Império Turco-Otomano e até na vizinha ibérica de Portugal, a Espanha onde socialistas espanhóis como Júlian Besteiro tinham como slogan: *Japonicemos España!*.

Concluindo:

Imitação sim, mas prodigiosa e felicíssima imitação, que em 36 anos transforma radicalmente um país e o eleva a um alto grau de prestígio. A sua antiga civilização asiática era bem mais delicada e talvez bem mais racional do que a nossa, e os japoneses são os primeiros a reconhecê-lo; mas se nela continuasse perseverando, o Japão seria hoje muito provavelmente uma simples colônia de qualquer Estado da Europa ou da América – Sacrifique-se a civilização dos antepassados, mas salve-se a independência da pátria – foi a divisa moral que impeliu os japoneses nos seus progressos. (IDEM:161)

A leitura de *Cartas do Japão* nos possibilita desvendar no âmbito das relações político-econômicas a forma como as relações entre Portugal e Japão a pouco mais de cem anos atrás se encontravam. Importante documento narrado a partir de crônicas daquele que queria ser lembrado como o “Fernão Mendes Pinto moderno” , ou seja, o redescobridor luso do Japão. A narrativa de Morais é baseada em opiniões/observações que fogem a árida apresentação dos fatos como uma cronologia que pretende ser “apenas” analítica e neutra, e as linhas escritas por ele em *Cartas* carregadas de lucidez e turgidas de viés diplomático, delinearam parte da matriz discursiva portuguesa sobre o Japão no período. Ao longo da obra notamos a tarefa quase quixotesca que Morais teve em seus anos de diplomata (1899-1913), ao tentar elevar ou ao menos projetar Portugal no horizonte japonês, como também, podemos perceber a sensibilidade do autor que soube como poucos contemporâneos no conjunto de sua inestimável obra (na sua essência “exotista” e “saudosista”) enxergar um pouco mais além do que um Japão minimalista formado por *mussumés, bonsais, sakuras e samurais*.

2. O discurso britânico sobre o Japão: Ernest Satow e Basil Hall Chamberlain

Para muitos contemporâneos o Japão “havia sido a maior descoberta do Ocidente nas últimas décadas do século XIX” . (PINGUET 1987:277; LITVAK 1986: 109-114) Neste contexto de rápidas transformações, enquanto os europeus construíam discursos (muito parecidos) sobre o Japão e os seus habitantes, a elite Meiji⁸⁾ fazia o mesmo, construindo discursos sobre si e sobre a Europa. Verdadeiro jogo de espelhos, no qual o Japão passava a ser

8) A restauração do poder imperial, representada pela jovem figura do imperador *Mutsuhito (Meiji Tennô)* ocorrida no Japão entre os anos de 1867/68 marcou a transição de um estado pré moderno para um estado em vias de modernização. A chamada era *Meiji* (1868-1912) é historicamente considerada como um dos momentos cruciais da história do Japão moderno. Desde a década de 1870, uma elite intelectualizada a partir de influências estrangeiras e nativas irá liderar as principais mudanças ocorridas no estado japonês.

um grande espelho baço, onde as potências ocidentais buscavam definir/classificar o ‘outro’ japonês, acabando na realidade, por encontrar o próprio reflexo. Em pouco mais de vinte anos, esse encontro proporcionou aos europeus uma experiência incômoda, levando ao limite o seu modo de *pensar e ver* o ‘outro’ oriental. Forma essa, que se mostrou inadequada em vários momentos, contribuindo para o surgimento e a consolidação de estereótipos acerca do Japão e dos japoneses. A busca europeia do ‘outro’ oriental traduziu-se em grande parte, em aspectos *exóticos*⁹⁾, *pitorescos*, *femininos*. No caso do Japão, pela ‘busca’ de uma realidade que deixava de existir ou que, possivelmente, nunca existiu.

Nas últimas décadas do século XIX, o Japão e a Grã-Bretanha passavam por marcantes e profundas mudanças sociais e políticas. Junto ao pensamento liberal, a moral vitoriana, com o seu caráter intrinsecamente burguês, passou a dar o tom do *modus vivendi* britânico, principalmente junto às classes alta e média dos grandes centros urbanos. Essa elite, mais letrada e ávida consumidora de “cultura”, era guiada por uma moral que legitimasse sua missão de civilizar as outras nações consideradas, por ela, como primitivas ou selvagens. Junto às questões morais, havia o interesse econômico britânico em conquistar novos mercados consumidores e/ou necessitados de capital oriundo da *City of London*. Dentre esses potenciais mercados, estava o arquipélago japonês que, desde 1840, mesmo antes da reabertura de seus portos ao Ocidente na década de 1850, já era alvo de interesses dos países imperialistas.

Segundo o cientista político norte-americano Benedict Anderson (2008), foi nesse contexto específico, de rápidas transformações ocorridas a partir da segunda metade do século XIX, que os países colonialistas tomaram consciência de um novo e poderoso instrumento político de dominação econômica e social: a literatura de viagem aliada a geopolítica. Dentre as potências europeias, a Grã-Bretanha vitoriana pode ser apontada como um dos maiores exemplos nesse sentido. Ela produziu, em sua literatura de viagem, um vasto discurso acerca de países “longínquos” como a Índia, a China, a Coreia e, por fim, o Japão, nação que, provavelmente, tenha ensejado a mais complexa representação no imaginário ocidental. Aos olhos da potência inglesa, essas culturas orientais milenares não passavam de “aberrações morais”, e o Japão não era uma exceção.

Por outro lado, em 12 de fevereiro de 1902, quando o governo japonês anunciou publicamente a aliança com os britânicos:

(...) *the news was received in Japan with great excitement and aroused a ‘festive outburst’*,

9) Uma interessante crítica a essa visão pode ser vista na obra de Charles Forsdick, *Victor Segalen and the Aesthetics of Diversity*. Oxford, Oxford University Press, 2000.

which soon swept across the country. The magnitude of the fervor that took fast hold of the Japanese mind can hardly be recognized through the nation's newspapers and magazines published at the time. Immediately after this news was released in Japan, a Yorozu Chôhō editorial noted that 'our entire nation is swelling with spontaneous cheers', and said in a news article that as citizens vied with one another to buy the national flags of Great Britain and Japan with which express their festive emotions (...) (YOSHITAKE 1988: 184)

O discurso britânico sobre o Japão e os japoneses, produzido entre as décadas de 1850 a 1900, foi marcado por uma grande variedade que contempla desde impressões superficiais dos viajantes até obras mais densas de caráter erudito e acadêmico, as quais se tornaram referências na Europa e nos Estados Unidos nos assuntos sobre o Japão.

Para os objetivos deste artigo, selecionamos os trabalhos de dois pioneiros da Japonologia britânica¹⁰⁾, o diplomata Ernest Mason Satow e o *scholar* Basil Hall Chamberlain que durante seu período no Japão cultivaram uma amizade próxima. Ernest Satow fez parte do corpo consular britânico no Japão entre os anos de 1862-1882 e depois, novamente, entre 1895-1900 (Ministro Plenipotenciário)¹¹⁾. Nesse período publicou alguns de seus trabalhos sobre o Japão na revista *Transactions of Asiatic Society of Japan*, periódico de caráter acadêmico pioneiro sobre o Japão, publicado desde 1874 em língua inglesa pela *Asiatic Society of Japan* (da qual Satow foi um dos fundadores em outubro de 1872 com sedes em Yokohama e Tóquio).

As impressões do jovem Satow sobre o país na época foram descritas em seu diário *A Diplomat in Japan*, publicado em 1921 e possibilitam um ótimo panorama das transformações ocorridas no Japão naqueles caóticos anos.

Logo no primeiro capítulo de seu diário “Appointment as student interpreter at Yedo (1861)”, Satow descreve como se deu seu primeiro ‘encontro’ com o Japão:

My thoughts are first drawn to Japan by a mere accident. In my eighteenth year an elder brother brought home from Mudie's Library the interesting account of Lord Elgin's Mission to China and Japan by Lawrence Oliphant, and the book having fallen to me in turn, inflamed my imagination with pictures verbal and coloured of a country where the sky was always blue, where the sun shone perpetually, and where the whole duty of man seemed to consist in lying

10) Além deles podemos citar outros pioneiros britânicos na área dos estudos sobre o Japão no final do século XIX, início do século XX como Algernon Freeman-Mitford (1837-1916), William George Aston (1841-1911) e John Harington Gubbins (1852-1929) entre outros.

11) “Sir Ernest Satow (1843-1929) is generally regarded as the best qualified official and the most outstanding scholar of Japanese to have been appointed head of the British Mission in Japan”. Ian Ruxton, “Sir Ernest Satow (1843-1929) in Tokyo, 1895-1900. In: CORTAZZI, Hugh (edited by). Britain & Japan: Biographical Portraits. Vol. IV. London, Japan Society Publications, 2002. p. 53.

on a matted floor with the windows open to the ground towards a miniature rockwork garden, in the company of rosy-lipped black-eyed and attentive damsels – in short, a realized fairyland. (grifo nosso) (SATOW 2006: 1)

Não é a toa que o jovem Satow tenha se encantado, com a descrição do arquipélago nipônico ao travar contato com a obra *Narrative of the Earl of Elgin's mission to China and Japan, 1857-8-9* (2 volumes), publicada em 1859, escrita pelo viajante, diplomata e escritor britânico Lawrence Oliphant. Na forma como foi usada para descrever a primeira sensação de Satow ao imaginar o Japão, a palavra *fairyland* nos relatos de viagem se tornou o adjetivo mais comum para definir o Japão em meados do século XIX até a metade da década de 1890.

Sua trajetória no Japão, primeiramente entre os anos de 1862-1882, pode ser considerada ímpar, após desembarcar em Edo (1862) com a função de se tornar um dos intérpretes a serviço do Consulado Britânico, o jovem Satow construiu uma sólida carreira diplomática e intelectual ¹²⁾, presenciando importantes acontecimentos naqueles conturbados anos da moderna história do Japão. Podemos afirmar que ele foi um dos poucos estrangeiros que realmente presenciou (e compreendeu) *in loco* a transição de um Japão (considerado) “inofensivo e exótico” em uma nação “potência e ameaçadora” .

Boa parte da produção intelectual de Satow sobre o Japão e os japoneses no período foi publicada na forma de artigos, alguns anonimamente no jornal *Japan Times*, e no entanto a maior parte foi publicada no periódico *Transactions of the Asiatic Society of Japan* (alguns de seus artigos versavam sobre botânica japonesa, sobre arte, outros sobre os jesuítas no Japão). Sua obra mais divulgada sobre o arquipélago nipônico foi publicada na forma de diário (*A Diplomat in Japan*, 1921) ou de cartas (edições póstumas), além da sua obra de maior influência *A Guide to Diplomatic Practice* (1917, primeira edição). No entanto, nos interessam as impressões de Satow sobre o Japão produzidas na década de 1890, quando ele retornou a Tóquio, exercendo o cargo máximo no corpo diplomático britânico, *Envoy Extraordinary and Minister Plenipotentiary* (não havia ainda a denominação de *Ambassador* para esta função diplomática no Japão). Nesse, importante período, exercendo o cargo mais importante e influente que um ocidental poderia exercer na época, Satow conduziu a política diplomática britânica na forma de aproximar cada vez mais o Japão e a Grã-Bretanha como futuros aliados. Isso culminou com a primeira aliança Anglo-Japonesa (1902). Suas impressões sobre o Japão, além das reais intenções da política externa japonesa na Ásia em relação às outras

12) Nos vinte anos que esteve, inicialmente, no Japão (1862-1882), além de estudar japonês, ele exerceu as funções de Estudante de Intérprete, Intérprete, Secretário de Assuntos Japoneses e Segundo Secretário da Legação Britânica. A condição *sine qua non* para os jovens galgarem os postos mais altos da hierarquia diplomática britânica.

potências, mais especificamente a Rússia, tiveram grande influência nos círculos diplomáticos estrangeiros¹³⁾ acerca do futuro próximo japonês. Em abril de 1898, após conversa com o influente político Kaoru Inoue, Satow observou que:

Japanese naval preparations not ready yet (…). Five years hence when the Siberian Railway is finished, a great, struggle will take place. (LENSEN 1968:34)

Pouco antes de deixar o cargo de Ministro Plenipotenciário no Japão em maio de 1900, em uma última conversa com o primeiro-ministro Ito Hirobumi, Satow afirmou que não seria vantagem o Japão entrar em conflito com os russos naquele momento, apesar de nos círculos políticos japoneses a questão estivesse na ordem do dia. Segundo Satow:

As to war, I said no one could suppose it was to the advantage of Japan to fight Russia. Yet many people talked about it. Japan and Russia as to Korea (…), a pretty woman with two suitors; no need however to come to blows. One thing however seemed clear, Russia regarded Japan as the only obstacle to her designs in the Far East. All this he agreed with, but seemed to imply that there was a strong sentiment in Japan in favour of fighting among the non-responsible classes. (LENSEN 1968:100)

Ito respondeu que havia um grande sentimento no Japão para a luta contra os russos (“war fever”). Ao voltar para Grã-Bretanha, antes de assumir o cargo de Ministro Plenipotenciário em Pequim, com extrema sensibilidade Satow comentou em carta (02/05/1900) ao Secretário de Guerra britânico que o Japão:

(…) would not act in any case before 1903 when her fleet and army will have obtained their full expansion, and even then only if England backs her up. (IDEM: 28)

Mais jovem do que Satow, mas seu grande amigo em Tóquio, o *scholar* Basil Hall Chamberlain¹⁴⁾,

13) “When he returned in 1895, he found a Constitutional Monarchy, dominated by a clan oligarchy, consisting of his old Choshu friends, Satow’s position was unique. Western diplomats and Japanese statesmen alike conferred with him constantly, for no one knew better than he the intentions and detailed provisions of the early treaties and agreements, that now formed the basis and “tradition” of international relations” . In: LENSEN, George Alexander. “Introduction” . Korea and Manchuria between Russia and Japan 1895-1904. The observations of sir Ernest Satow. Tokyo, Sophia University, 1968.p.9.

14) “(He) was a giant in the field of Japanology. He was the first to publish a translation of the *Kojiki*, the oldest extant Japanese book dating back to 712 AD and one of the most important Japanese classics, into European language. He was also a pioneer in the scientific study of Japanese language who earned the epithet of the father of Japanese linguistics. In addition, he was the author of *Things Japanese* which from 1890, remained for several decades one of the very best ‘guidebooks’ on Japan available to a Western audience. For these achievements alone he deserves to be remembered” In: “Introduction” . OTA, Yuzo. *Basil Hall Chamberlain. Portrait of Japanologist*. England, Japan Library, 1998. p.1.

professor de Língua Japonesa e Filologia na Universidade Imperial de Tóquio (1886-1890), tradutor e autor da obra que se tornou referência sobre o Japão e os japoneses na Europa *Things Japanese*¹⁵⁾, entre outras obras sobre língua e literatura japonesa é uma grande referência no universo dos estudos japoneses no período. Chamberlain permaneceu no Japão entre os anos de 1873 e 1911, visitando a Europa esporadicamente. Na década de 1890 travou amizade (trocando várias cartas e depois se afastando) com o jornalista e escritor Lafcadio Hearn.

Obra de caráter enciclopédico, *Things Japanese* foi segundo o japonês Yuzo Ota, principal biógrafo de Chamberlain, “a work of a single individual” (OTA 1988: 55), obra de fôlego baseada em um sólido conhecimento do *scholar* britânico das fontes primárias e secundárias (em língua inglesa, japonesa, francesa e alemã) na composição dos verbetes, usando de uma linguagem às vezes sagaz, mas sempre objetivando ser o mais direto e próximo à “realidade japonesa” vivenciada por ele, é claro que sob um regime escópico vitoriano e liberal¹⁶⁾, mas parcial ao longo da maior parte da obra:

We are perpetually being asked questions about Japan. Here then are the answers, put into a shape of a dictionary, not of words but of things, or shall we rather say a guide-book. The old and the new will be found cheek by jowl. The only thing that will not be found is padding; for padding is unpardonable in any book on Japan, where the subject-matter is so plentiful that the chief difficulty is to know what to omit. (grifo nosso). (CHAMBERLAIN 2009:1)

Segundo Ota, para Chamberlain o principal objetivo da obra era “(...) to stimulate his reader’s own thinking” (OTA 1988:57), tornando-se o principal guia introdutório sobre o Japão e os japoneses no período.

Após mais de cem anos desde sua primeira edição (1890) , apesar de alguns verbetes terem perdido seu “significado” devido aos estudos subsequentes que se sobrepuseram às observações de Chamberlain, a obra é considerada nos dias de hoje uma grande referência para o estudo da era Meiji.

Seria importante destacar aqui, alguns dos elementos que representam efetivamente o olhar perspicaz e lúcido de Chamberlain sobre a jovem nação nipônica que vivia ‘as dores do parto da modernidade’ . Um deles seria a relação entre o Japão *antigo* e o *moderno*. Criticando

15) “(…) it was first published in 1890, some seventeen years after his arrival in Japan. Once published, the book was in continuous demand. Accordingly, he continued to update it for a nearly a half century, the final revision being completed by Chamberlain in 1934 and published posthumously in 1939 as the sixth edition. A reprint of the fifth edition with a revised bibliography was published by Charles E. Tuttle Company in 1971 under title *Japanese Things*.” In: “Things Japanese – A Personal Synthesis of Japan Studies” Idem. p. 55.

16) “Chamberlain was a liberal. He was not a person to defend oppression and exploration of weak by the strong in international relations. He was, for example, against Japan’s annexation of Korea (...)” In: Idem, p.59.

aqueles que ainda buscavam/viam o Japão como uma *fairyland*, o autor de *Things Japanese* foi enfático sobre isso:

Sir Edwin (Arnold) made a speech in which he lauded Japan to the skiesland lauded it justly as the nearest earthly approach to Paradise or to Lotus-land so fairy like, said he, is its scenery, so exquisite its art, so much more lovely still that almost divine sweetness of disposition, that charm of demeanour, that politeness humble without servility and elaborate without affectation, which place Japan high above all other countries in nearly all those things which make life worth living (···). (CHAMBERLAIN 2009:3-4)

E avalia de forma consciente e realista o que viria a ser o Japão naquele momento (1890):

(...) For after all, Japan must be modernized if is she to continue to exist. Besides which, our new European world of thought, of enterprise, of gigantic scientific achievement, is a much wonder-world to the Japanese as Old Japan can ever be to us. There is this difference, however Old Japan is to us a delicate little wonder-world of sylphs and fairies. Europe and America, with their railways, their telegraphs, their gigantic commerce, their gigantic armies and navies, their endless applied arts founded on chemistry and mathematics, are to the Japanese a wonder-world of irresistible genii and magicians. (IDEM:7)

E logo a seguir conclui:

No. Old Japan is dead, and the only decent thing to do with the corpse is to bury it. (···)This little book is intend to be, as it were, the epitaph recording the many extraordinary virtues of the deceased, his virtues, but also his frailties. (IDEM:13)

Sobre o processo de “Europeização” ou “Ocidentalização” do Japão naqueles anos, elemento que intrigava o olhar estrangeiro, gerando uma série de debates, Chamberlain difere de outros importantes contemporâneos como Hearn ao fazer uma análise mais sóbria e menos apaixonada. O *scholar* britânico demonstra de forma concisa que o processo não era superficial e nem uma “mera cópia” do Ocidente (análise parecida com a de Venceslau de Moraes) como podemos notar no verbete “Europeanisation” da obra *Japanese Things*:

Foreigners have often stood in amaze at Japan's ability to swallow so many new ideas and institutions whole. They have dubbed her superficial and questioned the permanence to

European method. This is because they fail to realize two things – the innate strength of the Japanese character, and the continuous process of schooling which has enabled this particular race to face the new light without being blinded (...) From the dawn of history to the present day, Japan, in her attitude towards foreign ideas – be they Chinese, mediaeval Portuguese, old-fashioned Dutch, nineteenth century European – has shown herself consistently teachable. Periods marked chiefly by large importations from abroad have, it is true, alternated with periods chiefly devoted to the working up of that material into forms suitable to local needs. But neither process has ever been a steady growth alike social, intellectual, and territorial, with but rare intervals of even apparent relapse. The superficiality attributed to her assimilation of imported civilizations exists only in the superficial knowledge of the would-be critics (CHAMBERLAIN 1971:155)

Essa breve apresentação de duas grandes referências da matriz discursiva britânica sobre o Japão, teve como principal objetivo demonstrar que o discurso produzido na esfera diplomática e/ou acadêmica teve um caráter muito mais pragmático e intelectualizado (os dois autores, Satow e Chamberlain dominavam a língua japonesa como poucos). Pode-se afirmar que as funções desempenhadas pelos dois no Japão e a origem britânica (i.e. espírito vitoriano) são fatores fundamentais para se compreender o Japão naquelas turbulentas décadas (1890-1900). Alguns autores¹⁸⁾ criticam certos aspectos do discurso britânico ou seus representantes, como por exemplo, acusar Chamberlain de construir um discurso “de superioridade anglo-saxã” e até “desprezo” por certos elementos da cultura japonesa em comparação a outros contemporâneos como Lafcadio Hearn, no entanto, esse ainda é um debate em aberto.

Considerações finais

Compreender e “dominar” o recém-aberto arquipélago nipônico que se modernizava foi a tarefa do ‘outro’ (branco e ocidental) em voga a partir de meados do século XIX. Cada nação construiu sua matriz discursiva sobre o Japão basicamente a partir de duas diretrizes: a da *continuidade*, influenciado pelos discursos que vinham se amalgamando na Europa desde meados do século XVI¹⁹⁾ e a partir dos seus interesses políticos e econômicos na geopolítica finissecular cujo o imperialismo era a principal diretriz. Britânicos e portugueses não fugiram

18) Sobre as críticas à alguns aspectos da obra e do autor Basil Hall Chamberlain, consultar algumas obras do historiador japonês Sukehiro Hirakawa, Professor Emérito da Universidade de Tóquio: *Japan's Love-Hate Relationship with the West*. Kent/UK, Global Oriental; 2005 e *Rediscovering Lafcadio Hearn*. Kent/UK, Global Books; 1997.

19) Cuja a grande referência era a obra póstuma “História do Japão” (1727) do médico e naturalista germânico Engelbert Kaempfer (1651-1716).

a esta regra, vivenciando realidades opostas, e aproximaram-se do Japão de formas e com interesses diferentes.

Objetivando (re)apresentar o Japão para a opinião pública lusitana Venceslau de Moraes publicou a volumosa obra *Cartas do Japão*, vertente da obra moraisiana pouco estudada, mas de extrema importância, pois como vimos, trata-se de uma tentativa, na forma de crônicas, de analisar as relevantes mudanças do Japão no alvorecer do século XX. No caso britânico os autores (Satow e Chamberlain) apresentados, traduzem um pouco da visão mais objetiva e pragmática, tingidas até certo ponto da moral vitoriana. Na tentativa de antecipar o próximo movimento nipônico naqueles caóticos anos (1895-1905) eles produziram uma documentação de caráter diplomático de grande valia, como também obras que se tornaram referência acadêmica na Europa como fonte de informações fidedignas sobre o arquipélago japonês (*Things Japanese*).

Bibliografia:

Anderson, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, Cia. Das Letras, 2008.

Chamberlain, Basil Hall. *Japanese Things. Being Notes on Various Subjects Connected with Japan*. Tokyo, Charles E. Tuttle Company, 1971.

_____, *Things Japanese*. Tennessee, General Books LLC Publication, 2009.

Dias, Jorge. “A imagem do Japão: de José Álvares a Venceslau de Moraes” (I parte). *Revista Nam Vam*, Macau, 1986.

Dezem, Rogério. *Matizes do ‘Amarelo’ . A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo, FAPESP/Humanitas USP, 2005.

Figueiredo, Fidelino. “O homem que trocou sua alma” . Lisboa, s/d.

Feldmann, Helmut. *Venceslau de Moraes e o Japão. Coleção Japónica 1*. Macau, Instituto Cultural de Macau, 1992.

Ferreira, Luiz Gonzaga. *Wenceslau de Moraes, o Diplomata*. Lisboa, Vega/Instituto Camões, 2004.

Giucci, Gillermo. *Viajantes do maravilhoso: o novo mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Lensen, George Alexander. “Introduction” . *Korea and Manchuria between Russia and Japan 1895-1904. The observations of sir Ernest Satow*. Tokyo, Sophia University, 1968.

Litvak, Lily. *El sendero del tigre: Exotismo em la literatura española de finales del siglo XIX, 1880-1913*. España, Taurus, 1986.

Moraes, Wenceslau de. *O-Yoné e Ko-Haru*. Porto, A Renascença Portuguesa, 1923.

_____, *Cartas do Japão. Antes da guerra (1902-1904)*. Porto, Livraria Magalhães e Moniz Editora, 1904.

_____, *Cartas do Japão. Um ano da guerra (1904-1905)*. Porto, Livraria Magalhães e Moniz Editora, 1904.

_____, *A vida Japonesa. Terceira série das Cartas do Japão (1905-1906)*. Livraria Chardron, de Lello e Irmão, Editores, Porto, 1907.

_____, *Cartas do Japão. Segunda série, vol. I (1907-1908)*. Lisboa, Portugal-Brasil Sociedade Editora, 1928.

_____, *Cartas do Japão. Segunda série, vol. II (1909-1910)*. Lisboa, Portugal-Brasil Sociedade Editora, 1928.

_____, *Cartas do Japão. Segunda, série. Vol. III (1911-1913)*. Lisboa, Portugal-Brasil Sociedade Editora, 1928.

Ortiz, Renato. *O próximo e o distante- Japão: Modernidade-Mundo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Ota, Yuzo. *Basil Hall Chamberlain. Portrait of Japanologist*. England, Japan Library, 1998.

Pinguet, Maurice. *A Morte Voluntária no Japão*. São Paulo, Rocco, 1987.

Pratt, Mary Louise. *Os olhos do império. (Relatos de viagem e transculturação)*. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Gutierre. São Paulo/Bauru: EDUSC, 1999.

Ruxton, Ian. "Sir Ernest Satow (1843-1929) in Tokyo, 1895-1900" . In: Cortazzi, Hugh (edited by). *Britain & Japan: Biographical Portraits*. Vol. IV. London, Japan Society Publications, 2002.

Said, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.

Segalen, Victor. *Essai sur l' exotisme, une esthétique du divers (notes)*. Montpellier; Editions Fata Morgana, 1978.

Satow, Sir Ernest. *A Diplomat in Japan*. United States of America, Stone Bridge Press, 2006.

Silva, M.M.; Álvares, J.M. *Ensaio luso-nipônicos*. Lisboa, s/ed., 1986.

Theodoro, Janice. *Pensadores, exploradores e mercadores*. São Paulo, Scipione, 1994.

Yoshitake, Oka. "The first Anglo-Japanese Alliance in Japanese public opinion" . In: Henny, Sue and Lehmann, Jean-Pierre (Editors). *Themes and Theories in modern Japanese history. Essays in memory of Richard Storry*. London, Athlone Press, 1988.